

| | | | | |
|--|----------------|-------------------------|-------------|----------------|
| Diário Notícias DN Bolsa 19-06-2009 | Periodicidade: | Diario | Temática: | Turismo |
| | Classe: | Informação Geral | Dimensão: | 910 cm² |
| | Âmbito: | Nacional | Imagem: | S/Cor |
| | Tiragem: | 79040 | Página (s): | 1/6 |




Entrevista, pág. 6

“Queremos ter cinco hotéis de charme em Lisboa”

Acreditando que “as decisões estratégicas não se compadecem com crises”, Jorge Armindo tem vários planos de expansão para a Amorim Turismo. Depois da renovação do Vilalara Thalassa Resort e do novo Tróia Design Hotel, a empresa quer abrir 10 hotéis em Angola e ainda 5 hotéis de charme em Lisboa. Quanto à cervejeira DrinkIn, o empresário já tem uma proposta de compra, mas garante que não se trata da Central de Cervejas.

| | | | | |
|--|----------------|-------------------------|-------------|----------------|
| Diário Notícias DN Bolsa 19-06-2009 | Periodicidade: | Diário | Temática: | Turismo |
| | Classe: | Informação Geral | Dimensão: | 910 cm² |
| | Âmbito: | Nacional | Imagem: | S/Cor |
| | Tiragem: | 79040 | Página (s): | 1/6 |

entrevista.

“QUEREMOS TER 5 HOTÉIS DE CHARME EM LISBOA”

A crise não vai parar os projectos da Amorim Turismo. Além da renovação do Vilalara Thalassa Resort e do novo Tróia Design Hotel, a empresa presidida por Jorge Armindo vai avançar com 10 hotéis em Angola e ainda com cinco hotéis de charme em Lisboa, entre o Marquês e o rio Tejo

de MARIA JOÃO ESPADINHA

Como está o projecto em Tróia?
Vai abrir oficialmente a 3 de Julho, já está em *soft opening*. É um investimento de 140 milhões de euros, um hotel com um conceito diferente, mas com os mesmos traços da Blue & Green, a nossa marca.

Em quantos anos conseguirão o retorno do investimento?

Segundo as estatísticas, um hotel nunca tem um retorno inferior a 9, 10 anos. Quando estamos a investir sabemos que estamos numa corrida de maratona e não de 100 metros, e para isso temos de ter uma política que esteja de acordo com esta postura. Em Tróia temos um centro de conferências, feito especialmente para o efeito, teremos o casino, em 2010, que será também um suporte para o próprio hotel, e temos também um centro de espectáculos. É de acreditar que nós temos condições para ter um produto inovador, sendo certo que é um destino não conhecido no estrangeiro. Há uma promoção muito importante a fazer no exterior, para transformar Tróia num destino internacional. Em Portugal, a resposta tem sido muito positiva, estamos com taxas de ocupação interessantes, melhores que no Algarve.

Qual a taxa de ocupação prevista?
Espero que até ao fim do ano a taxa média de ocupação seja de 35%. No próximo ano, admito que possamos almejar os 50%.

Quais os projectos que têm para Angola?

Temos já uma maquete do hotel que queremos construir, vamos começar com 60 quartos, mas o modelo prevê que se possa adicionar mais quartos à medida que o crescimento se vai processando, é modular. Espero no princípio do ano estar a concretizar algum investimento.

Faz sentido uma gama mais baixa?

Sim. Em Luanda, por exemplo, não há oferta nenhuma de hotéis, mas estão para ser inaugurados alguns de cinco estrelas. Conseguir ter um terreno livre de ónus e encargos em Luanda não é fácil. Entretanto, com o crescimento que Angola tem tido, as estradas são muito grandes, o modelo que nós tínhamos em Portugal com o grupo Accor – e que continua a existir – é muito ajustado a África no geral e a Angola em particular. Precisam de hotéis nas cidades mais pequenas e até nas estradas, e é isso que tencionamos fazer.

Quantos hotéis querem abrir?

Será de acordo com as necessidades de Angola. Mas acho que tudo o que seja menos de 10 hotéis não tem massa crítica, é um bom objectivo para se fazer em dois anos, dois anos e meio. Mas sempre com parceiros locais, serão aqueles até que poderão aportar os terrenos.

Têm novos projectos em Portugal?

A nossa intenção é virarmo-nos para Lisboa. A nossa política é não fazer mais do mesmo, portanto, queremos encontrar uma localização muito adequada para desenvolver hotéis de charme. É um trabalho que não é fácil, especialmente nesta época de crise, porque apesar de haver muita gente que queira vender ainda estão com preços que a hotelaria não pode suportar.

Quais as localidades onde tartariam de abrir esses hotéis?

Avenida da Liberdade e arredores, até ao rio Tejo. O nosso limite é do Marquês até ao Tejo.

Quantos hotéis querem abrir?

Temos de falar em número de quartos antes de número de hotéis. Há muitos quartos em Lisboa, a taxa de ocupação diminuiu e cresceu o número de hotéis de cinco estrelas e de hotéis de charme. Mas é verdade que são estes aqueles que têm menos problemas. Estamos a pensar em 200 quartos para a cidade de Lisboa, nunca será imediatamente e não serão num só edifício. Se for uma média de 40 quartos, serão cinco hotéis em Lisboa. Este poderá ser um primeiro projecto, se eu não tiver os cinco hotéis identificados não arranco com nenhum. Têm de ter uma certa massa crítica.

Quantos anos pode demorar até conseguir os cinco hotéis?

A grande questão é que ainda não conseguimos chegar a acordo sobre o preço. Não é muito difícil lançar cinco hotéis, mas diria que vai demorar cinco anos, com crise ou sem crise. As decisões estratégicas não se compadecem com crises, pode haver algum atraso, mas nunca se deve deixar de pensar dentro da estratégia que se traçou. ■

| | | | | |
|--|----------------|-------------------------|-------------|----------------|
| Diário Notícias DN Bolsa 19-06-2009 | Periodicidade: | Diário | Temática: | Turismo |
| | Classe: | Informação Geral | Dimensão: | 910 cm² |
| | Âmbito: | Nacional | Imagem: | S/Cor |
| | Tiragem: | 79040 | Página (s): | 1/6 |

“Temos uma proposta de compra da Drinkin”

Central de Cervejas.
A Drinkin, cervejeira de Jorge Armindo, já tem um comprador que vai viabilizar a fábrica. E não é a Central de Cervejas, diz o empresário, apesar de ser uma hipótese que fazia todo o sentido

Já há solução para a Drinkin?

A situação não está 100% resolvida, mas diria que está a 90%. Temos uma proposta, não posso dizer qual é a empresa. Não é a Central de Cervejas, mas sempre achei que era a destinatária que fazia mais sentido, mas depois houve mudança de acionistas... Eles manifestaram intenção, mas nós tivemos alguém que se adiantou.

A fábrica vai manter-se?

Quando acredito numa coisa, sigo até constatar que não é mesmo possível. A análise que eu fiz da Drinkin foi que era possível manter a fábrica viva. E nesse aspecto, apesar de ter sofrido bastante, não me enganei. Vamos terminar este processo conseguindo que a fábrica se mantenha. Isso para mim é uma grande vitória. Como já disse, a probabilidade de o assunto estar resolvido é de 90%, há aqui sempre 10% que têm

que ver com *due diligences*, etc.

A proposta é nacional?

Não. Mas até ao lavar dos cestos é vinda, não sabemos se até ao final dos 60 dias não aparece outra proposta. Era preciso que coincidisse duas coisas: que houvesse outro com uma proposta firme e que esta falhasse. Neste momento, não há qualquer hipótese de alterar o que está feito. Mas fazia muito sentido para a Central de Cervejas, e até acre-

dito que o Alberto da Ponte pense o mesmo. Mas é uma época de muita mudança, também não é muito favorável para os accionistas se preocuparem com isto. Estivemos quase com a operação feita, há uns meses, antes de dar entrada com a insolvência. Tivemos de entrar neste processo para forçá-los a abrir o jogo, já não era possível manter a empresa, tem custos muito altos.

Vai ficar com alguma participação na empresa?

Ainda não sei, mas o mais importante é a empresa continuar. Acima de tudo, sou um gestor. ■

Vilalara reabre amanhã

Depois de vários meses em obras, o Vilalara Thalassa Resort reabre amanhã, remodelado. Com um investimento "entre 8 e 9 milhões de euros", o objectivo destas mudanças foi ter novos serviços para "combater a sazonalidade", afirma Jorge Armindo. Assim, além de uma remodelação dos quartos, o empreendimento conta com um spa e novos serviços de saúde: "emagrecimento, desintoxicação para fumadores e *antiaging*".

perfil

Jorge Armindo

- Presidente da Amorim Turismo
- Tem 57 anos
- Licenciado em Economia, pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto
- É ainda presidente do Conselho de Administração da Edifer, administrador da Estoril Sol e presidente da Drinkin

Empresa presidida por Jorge Armindo investiu 140 milhões em Tróia

As decisões estratégicas não se compadecem com crises